

Só em 21,3% dos casos agressor das mulheres do Distrito Federal é desconhecido. Crimes ocorrem mais à noite

Violência

Nehil Hamilton 27.7.98

Inimigo íntimo

Clarissa Lima
Da equipe do **Correio**

O inimigo número um das mulheres não está escondido nos matagais, terrenos baldios, praças, ruas escuras ou estacionamento. Ao contrário, está bem próximo das vítimas. Na maioria das vezes, é o marido ou companheiro, namorado, pai, parente próximo, amigo, patrão, vizinho ou colega de trabalho.

Levantamento feito pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre a Mulher revela que apenas em 21,3% dos casos de violência contra a mulher, o agressor é uma pessoa desconhecida. Em 22,6% dos casos, a vítima sofre agressões do marido, companheiro ou do ex-marido. Os noivos e namorados correspondem a 11,6%.

A faxineira A.L.Y., 32 anos, convive há sete anos com o homem que a agrediu, o marido F.R.J., 41 anos. "Ele me bate toda vez que eu reclamo para que arranje um emprego. Peço para ele trabalhar e ajudar a sustentar nossos dois filhos", conta ela, que sustenta a casa sozinha.

Na primeira vez, F. deu um soco no rosto da mulher, que "ficou com a face toda roxa". O marido também já a ameaçou com chaves de fenda e facas. A história de A.L. não está registrada em nenhuma delegacia. "Te-

nho medo que ele se vingue e me mande embora de casa, já que o lote é de um parente dele. Não tenho para onde ir", diz.

Pelo levantamento, o horário de maior incidência das agressões é entre 18h e 23h (53%) e durante o final de semana (57,3%). Para violentar as mulheres, a arma preferida é o próprio corpo (42,3%), com socos, chutes e pontapés. A submissão da vítima é feita com ameaças de morte (19,6%), armas de fogo ou cortante (10,5%) e drogas e/ou álcool (12,3%). A pesquisa foi feita com base nos boletins de ocorrência da Delegacia de Atendimento à Mulher (Deam), entre 1987 e 1994.

PERFIL

A vítima predileta dos agressores são as mulheres solteiras (56,6%) com idade entre 14 e 27 anos (63,6%). Cerca de 27% das vítimas estão casadas ou convivem com o agressor; e 13,2% são divorciadas, desquitadas ou separadas.

Na última década, o número de vítimas analfabetas e que já cursaram universidade até triplicou; no primeiro caso, passando de 3,5% para 12,7%; e no segundo de 5,2% para 10,6%.

"Significa que o estupro pode ser considerado uma prática perversamente democrática, atingindo qual-

quer mulher", analisa uma das autoras do levantamento, a pesquisadora Lourdes Bandeira. O material faz parte do livro *Violência, Gênero e Crime no Distrito Federal*, que será lançado amanhã, no foyer da sala Villa-Lobos, às 18h.

A maioria dos agressores está na faixa etária entre 20 e 31 anos (50,5%). Ao contrário das vítimas, boa parte dos autores de crimes contra a mulher são homens casados (38,3%) e que vivem em união consensual com a mulher (10%). Cerca de 55% só cursou o primeiro grau.

A pesquisa revela um aumento de 1.717% no número de ocorrências registradas na Deam, passando de 279 para 4.971. Em 1987, uma mulher era agredida a cada quatro dias. Hoje, a média diária de vítimas de agressões é de 4,5 mulheres. Uma notícia nada boa, na véspera da comemoração do Dia Internacional da Mulher.

Apesar dos dados alarmantes, as pesquisadoras não acreditam em um aumento da violência, mas no crescimento das denúncias por parte das vítimas. "As mulheres estão tendo mais consciência da sua cidadania, assumindo seus direitos. Os números também significam um reconhecimento público de que a violência contra mulher é uma realidade presente na nossa sociedade", avalia Lourdes.



Pesquisadores não acreditam num aumento da violência contra as mulheres, mas no crescimento das denúncias